

Esquerda x direita, ou luta de dois líderes populistas?

LUIZ ADOLFO PINHEIRO

A grande novidade da eleição presidencial brasileira — o segundo turno de votação — marcado para 17 de dezembro, oferece também a oportunidade não apenas de se escolher o futuro Presidente da República, mas também a de se analisar que tipo de escolha está fazendo o eleitor brasileiro.

Será, em resumo, um voto entre esquerda e direita, no sentido tradicional dessas duas expressões ideológicas? Ou será uma disputa entre dois candidatos populistas, cujos eleitorados se confundem mais do que se diferenciam um do outro?

A primeira hipótese — confronto esquerda x direita — é o mais fácil e o mais tentador. Afinal, um dos candidatos é operário, fugiu da seca do Nordeste pobre para as oportunidades de São Paulo rico. Foi dirigente sindical, lutou com dificuldade, fundou um partido obreiro, das bases para cima.

O outro candidato é de família burguesa, carioca por acaso e descendente de uma estirpe de político do Sul com aristocrata do Nordeste. O perfil de um abastado, do tipo retratado por Sartre em "A Infância de Um Chefe".

Além da personalidade de ambos, também os partidos que encarnam tentam a concluir que um é claramente de esquerda e o outro firmemente de direita. Ninguém pode duvidar que a Frente Brasil Popular, formada pelo PT, PSB e PC do

B é de esquerda. É evidente também que a coligação liderada pelo PRN não é de esquerda. Logo, é direita.

Se a eleição entre Lula e Collor fosse na Europa, não haveria o que discutir, à base das personalidades dos candidatos e dos partidos que sustentam suas coligações. Era um clássico confronto esquerda x direita. Mas no Brasil as coisas não são assim tão esquemáticas. E a disputa esquerda x direita, tão do agrado de militares e de intelectuais, pode não passar de um equívoco.

Os 20 milhões e 400 mil votos de Fernando Collor no primeiro turno teriam saído apenas "da direita", isto é, dos latifundiários, alta burguesia, banqueiros, classe média alta, militares, enfim, do *stabilishment* burguês? É mais provável o contrário: que as elites tenham votado em Lula. As prévias eleitorais coincidiram em mostrar o perfil do eleitorado de ambos: Lula fica com boa parte da massa e com a classe média e intelectuais. Collor fica quase todo nas massas.

Assim, por mais que essa palavra soe como um palavrão aos ouvidos das elites culturais do País, Collor e Lula são dois candidatos populistas. Uma das pesquisas *DataFolha*, publicada neste jornal antes das eleições, mostrou que a segunda opção preferencial de grande parte dos eleitores de Lula era Collor; e, deste, as preferências iam para Lula, Covas e até Maluf.

Desse modo, não basta somar os votos de Collor, Maluf, Afif, Caiaido, Aureliano e outros e concluir que a "direita" tem 32 milhões de eleitores, contra 34 milhões da "esquerda", representada pela soma do eleitorado de Lula, Brizola, Covas, Freire, Ulysses e outros menos votados. A equação real é outra: as massas dividiram seus votos entre vários **populistas** — Collor, Lula, Brizola, Maluf — em 15 de novembro. A 17 de dezembro vão se encontrar com apenas dois candidatos, aqueles nos quais elas mais descarregaram votos. E, como no primeiro turno, não serão acordos de cúpula que vão comandar a votação popular. Os dirigentes partidários correm o risco de falarem sozinhos em Brasília, pois as massas urbanas e do interior, que experimentaram o gostinho de alterar a política nacional marcharão em dezembro dispostas agora a mudar o País, na direção do candidato que mais a emocionar.

Para ganhar no segundo turno, o candidato vai ter de radicalizar, mas não nos termos ideológicos que estão sendo discutidos nas cúpulas partidárias. A 17 de dezembro não haverá votação para reitor da UnB mas uma eleição popular, para Presidente da República. E ganhará o que mais levantar as massas pelas paixões e não pela razão política, seja cartesiana ou dialética. Afinal, os dois postulantes finais são **candidatos populistas**. Antes de mais nada.